

**CAPITAL IN THE TWENTY-FIRST CENTURY****Rafael Rossi<sup>1</sup>***r.rossi@ufms.br***Aline Cristina Santana Rossi<sup>2</sup>***line.csantana@hotmail.com*

O livro “Capital in the Twenty-First Century” (Capital no século XXI, traduzido somente no final de 2014 para a língua portuguesa) é de autoria de Tomas Piketty, economista francês, diretor de estudos na École des hautes études en Sciences Sociales – EHESS - e professor na Paris School of Economics. Piketty ganhou em 2012 o prêmio de melhor economista jovem na França e faz parte do conselho de orientação científica “À gauche en Europe”, fundado por Michael Rocard e Dominique Strauss-Kahn, contribuindo, ainda, com uma coluna no jornal francês “Libération” e eventualmente ao “Le Monde”.

Essa obra se divide em seis partes: Introdução; parte I (“Renda e Capital”); II (“A dinâmica da relação Capital/Renda”); III (“A estrutura da desigualdade”); IV (“Regulação Capital no século XXI”) e Conclusões. A obra aqui referenciada, explicita seus avanços na linguagem que convida especialistas e leigos a se envolver em uma discussão profunda e importante sobre desigualdade e estrutura contraditória do modo de produção capitalista que sempre e, cada vez mais, se expande e se acumula a um custo social e humano que se eleva progressivamente. É nesse aspecto que podemos apontar a inovação do autor ao explorar tal debate numa época em que a ideologia capitalista dominante dissemina o mito da “empregabilidade” e da “qualificação profissional” em meio ao “empreendedorismo” e o “desenvolvimento sustentável”, isto é, Piketty lança mão de uma crítica ao capitalismo fundada cientificamente para explorar seu caráter concentrador e mistificador em pleno século XXI marcado pela globalização enquanto fábula, como nos recorda Santos (2011).

“Capital no século XXI” é baseado em 15 anos de pesquisa – de 1998 a 2013 – que, segundo o autor, servia como meio para compreender a dinâmica histórica da renda e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP e docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFMS em Campo Grande – MS.

<sup>2</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP.

riqueza. Todo o trabalho é vinculado a um esforço coletivo de pesquisa entre profissionais que Piketty trabalhou e trabalha na última década. Em seguida, na introdução, aparece a problematização sobre o que realmente sabemos a respeito da distribuição da riqueza e como isso se articula em face das particularidades do século XXI. Neste ponto o autor afirma que a análise de especialistas nunca colocará um fim no conflito político que o debate da desigualdade instiga, sendo que a pesquisa social científica sempre será “provisória e imperfeita”. Não cabe, portanto, a pretensão em transformar a Sociologia, História e Economia em ciências exatas, se tratando, antes de tudo, em inquirir sobre mecanismos sociais, históricos e políticos que permitam compreender o desenvolvimento econômico. Esta postura possui potencial para desmascarar noções preconcebidas e “fraudulentas” sendo exatamente este o papel dos intelectuais perante a oportunidade que dispõem de se debruçar com mais tempo a cerca de tais questões.

Na parte I há uma análise a respeito das ações de renda mundial na relação trabalho e capital, e como essas ações se transformaram durante o século XVIII. A questão da desigualdade é abordada na relação entre trabalhadores e capitalistas, sendo que esta dimensão da distribuição da riqueza é analisada para além da dimensão “factorial” em que trabalho e capital aparecem como “fatores de produção”. O intuito, entretanto, não é defender a causa dos trabalhadores contra os capitalistas, mas sim compreender com maior precisão a divisão capital-trabalho desde o século XVIII.

Na parte II é apresentada uma evolução do capital social, tanto no que se refere à escala global quanto na medida da relação capital/renda e sua desagregação em vários ativos. São analisadas várias formas de riqueza como: terrenos, máquinas, empresas, edifícios, títulos, gado, ouro etc., e seu desenvolvimento ao longo do tempo começando pela Grã-Bretanha e a França, pois foram sobre estes países que a maior parte da pesquisa encontrou informações ao longo do tempo. O mecanismo de redistribuição por meio da inflação, por exemplo, é explicitado enquanto um mecanismo poderoso, com papel de extrema relevância histórica nos dois países citados no século XX. Contudo, há que se considerar dois grandes problemas em decorrência dessa tática: 1) a escolha de “alvos” não é bem delimitada, pois aqueles que possuem algum título do governo – direta ou indiretamente – não são sempre os mais ricos, em alguns casos se está longe disso e 2) a inflação pode se tornar permanente e os credores sempre exigir uma taxa de juro nominal mais elevada, ou seja, a inflação pode se combinar a outros processos e não garantir os efeitos almejados.

Como continuidade, na parte III, o autor passa a examinar a desigualdade e distribuição em escala individual. A análise da desigualdade mostra-se em crescimento a partir das décadas de 1970 e 1980, possuindo variações claras entre os países e então se inicia um debate entre o trabalho sobre a herança e competência. Deve ser considerado, a preocupação de Piketty com uma referência histórica muito bem sistematizada, no entanto, aparece algumas “lacunas” no seu entendimento teórico a respeito do capitalismo que poderiam ser facilmente preenchidas com grandes clássicos do pensamento marxiano e marxista, a fim de se afastar, por exemplo, de um idealismo reformista do modo de produção capitalista. Todavia, esta é uma opinião particular que em nada desmerece o esforço gigantesco do autor em seu volumoso tratado.

Na parte IV, por sua vez, há um balanço das três partes que a antecedem, retomando a evolução da distribuição da riqueza e as condições estruturantes e estruturais da desigualdade desde o século XVIII. O mito de que as desigualdades desapareceram ou foram atenuadas na segunda metade do século XX, está perto de se mostrar de modo mais explícito suas fraturas com a retomada dos padrões desiguais superando períodos anteriores. A nova economia global – baseada, entretanto, nas leis de funcionamento do capitalismo – é encarada como portadora de imensas possibilidades, assim como de igual proporção as desigualdades.

Piketty nos demonstra, com sua monumental pesquisa abrangendo vinte países com dados dos últimos duzentos anos, como a taxa de rendimento do capital superou o crescimento econômico, produzindo um processo vicioso de produção das desigualdades: “Quando a taxa de remuneração do capital ultrapassa a taxa de crescimento da produção e da renda, como ocorreu no século XIX e parece provável que volte a ocorrer no século XXI, o capitalismo produz automaticamente desigualdades insustentáveis, arbitrárias [...]” (PIKETTY, 2014, p. 09). Assim sendo, a análise das desigualdades com base em dados empíricos é um trabalho minucioso presente na abordagem de Piketty que problematiza essa questão em suas múltiplas facetas. O esforço de pesquisa e análise garantem a esta obra a atenção que merece de pesquisadores das diversas áreas. O capitalismo deixado à sua própria sorte, faz com que a taxa de rendimento privado do capital seja mais elevada do que a taxa de crescimento da renda e da produção e isso faz:

com que os patrimônios originados no passado se recapitalizem mais rápido do que a progressão da produção e dos salários. **Essa desigualdade exprime uma contradição lógica fundamental. O empresário tende inevitavelmente a se transformar em rentista e a dominar cada vez mais aqueles que só possuem sua força de**

**trabalho.** Uma vez constituído, o capital se reproduz sozinho, mais rápido do que cresce a produção. **O passado devora o futuro.** (PIKETTY, 2014, p. 555, grifos nossos)

Deste modo, a marca deste livro é a fundamental contribuição analítica para a leitura de pesquisadores, estudantes e docentes em Geografia, não apenas pela acuidade no trato do amplo leque de dados que o autor trata, mas sim na maneira como o faz, vinculando a união de uma pesquisa qualitativa e quantitativa de ponta. O capitalismo não pode ser um modo de produção plenamente “eficaz” e “benéfico” para todos, já que está em sua lógica de expansão e acumulação, a reprodução das desigualdades sociais em diversas escalas. Assim sendo, trata-se de uma obra que desempenha um imenso convite à análise das condições de vida e de reprodução das relações sociais concretas e materiais, expondo contradições, explicitando desigualdades e instigando a transformação, por meio da pesquisa militante.

Nas conclusões, Piketty, faz uma ressalva do objetivo maior que seu livro se insere na busca pela explicitação do conhecimento histórico sobre a dinâmica da distribuição da riqueza e renda desde o século XVIII. O próprio autor considera suas conclusões de natureza “tênue” sendo passíveis de serem debatidas. Entretanto, uma forte conclusão que nos fica de sua leitura e precisa ser reforçada no debate acadêmico/militante remete à consideração da economia de mercado baseada na propriedade privada conter em si forças “poderosas” que estão se associando à difusão de conhecimentos e competências e “colocando em cheque” valores da justiça social. É defendida a ideia de maior intervenção do Estado, sobretudo, no que diz respeito ao “imposto progressivo anual sobre o capital”, capaz, sempre de acordo com Piketty, de “evitar a espiral desigualadora sem fim”. A economia é vista como um campo integrado das ciências sociais e políticas com uma finalidade “política, normativa e moral”, contudo, não há de fato no livro uma crítica radical à essência estruturalmente desigual do capitalismo, apontando para a necessidade de superação deste modo de produção. Piketty demonstra um árduo trabalho de reconstituição histórica da riqueza, amparado em fatos empíricos e verificáveis em várias partes do mundo. Seu conhecimento e as reflexões que podem dele partir são importantes, em especial numa época nossa de “encruzilhadas” e de ofensivas diretas da classe dominante sobre as condições materiais e imateriais da reprodução da classe trabalhadora.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

PIKETTY, Thomas. **Capital in the twenty-first century**. Harvard University Press, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 20 ed. 2011.